

# CARMEN LAFORET

## A ILHA E OS DEMÓNIOS



cavalo de ferro

*Para Carmen Castro de Zubiri, que com  
o seu admirável e abnegado sentido da  
amizade contribuiu, em grande parte,  
para que este livro pudesse ver a luz.  
Com admiração e carinho.*

*Para o meu pai, arquitecto de Las Palmas.  
Para todos os parentes e amigos que tenho  
na ilha, onde passei os melhores anos da  
minha vida... sem demónios.*

## PRIMEIRA PARTE

## I

Este relato começa num dia de Novembro de 1938. Marta Camino chegou à beira da água, no molhe em que devia atracar o barco da península. A sua figurinha de adolescente recortou-se por um momento em contraluz, com a saia escura e a camisola de malha clara, de manga curta. O alento do mar, muito leve naquele dia, afastou-lhe os cabelos, que brilhavam curtos, cor de palha. Pôs a mão sobre os olhos e toda a sua cara parecia ansiosa e emocionada. Nesse momento, o barco estava a dar a volta ao pontão grande e entrava no Puerto de la Luz.

A baía brilhava como um espelho. Uma névoa de luz esbatia os contornos dos navios ancorados e de alguns veleiros com as velas inúteis e lassas. A cidade de Las Palmas, estendida ao lado do mar, surgia, trémula e branca, com os seus jardins e palmeiras.

O grande porto conhecera dias de maior movimento do que aqueles da guerra civil. Em todo o caso, caixas de bananas e tomate empilhavam-se nos molhes, preparadas para o embarque. Cheirava a palha, a breu, a pó e a iodo marinho.

As sirenes do barco começaram a ouvir-se, cortando aquele ar luminoso, assustando as gaivotas. O navio aproximou-se lentamente ao meio-dia. Vinha, entre Ciudad Jardín e o pontão grande, em direcção à rapariga. Ela sentiu que o seu coração batia com força. O mar estava tão calmo que, em algumas

zonas, parecia corar como se, lá em baixo, alguém se esvaísse em sangue. Um barco a motor passou ao longe e o seu rasto formava uma espuma lívida, uma linha branca naquela calma.

De repente, quando se começavam a distinguir claramente as cobertas apinhadas do barco e até surgiam alguns lenços, Marta apercebeu-se de que havia muita gente junto dela, atrás dela, a seu lado, aglomerando-se para saudar aquela chegada. Naqueles tempos, o barco da península chegava sempre cheio de soldados vindos da frente, em licença.

José Camino, um homem alto, magro e louro, tomou a sua irmã pelo braço e afastou-a da beira da água.

– Estás louca? A Pino está a ficar nervosa; diz que vais cair.

Fê-la retroceder alguns passos e a rapariga ficou então entre o irmão e a cunhada. Entre os dois, parecia insignificante e infantil.

Na realidade, Marta tinha a mesma estatura de Pino, que era uma mulher com uma bela figura, jovem, morena, de ancas largas e cintura muito delgada, vestida com um luxo rebuscado, um pouco impróprio para aquela ocasião e aquela hora. Pino usava uns saltos altíssimos e Marta, sandálias rasas; isto fazia-a parecer mais pequena ao lado da outra mulher.

José aparentava ser um homem sério, importante. Era mais louro e mais claro do que a irmã; a sua pele parecia a de um nórdico porque não se bronzeava. Corava a cada instante, por influência do ar ou do sol ou simplesmente das suas emoções. Afortunadamente para ela, Marta e ele não se pareciam em mais nada senão no cabelo claro. José tinha algo estranho, dir-se-ia que morto, nas feições. O seu nariz era enorme, caído. Os seus olhos eram esbugalhados, de um desagradável azul desmaiado. Vestia-se sempre de negro e os seus fatos eram sempre impecáveis.

O navio aproximou-se tanto que Marta deu por si envolta numa dupla gritaria. As pessoas que estavam no molhe ficavam frenéticas ao distinguir os rostos dos passageiros e estes

extravasavam o seu entusiasmo. Marta não via no convés senão soldados, homens da guerra com os seus capotes. Havia muitos barbudos. Quase lhes sentia o cheiro... Olhava ansiosamente entre eles e acima deles e, por fim, no convés mais alto, viu algumas figuras civis. Havia senhoras e pensou que os seus parentes deveriam estar entre aquelas pessoas. Estudou a cara de José, que, nesse momento, tirava o lenço do bolso e começava a agitá-lo: com efeito, olhava naquela direcção. Depois de tanto os ter esperado, de ter sonhado durante dois meses com a sua chegada, Marta sentiu-se repentinamente tímida.

Aqueles que chegavam tinham-se sentido deprimidos até pouco antes, quando o barco passou diante de umas escarpas secas, feridas pelo sol.

Naquele convés alto, apoiados na balaustrada, estavam duas mulheres e dois homens que chegavam pela primeira vez à ilha. Três deles, as duas mulheres e um cavalheiro maduro de cabelo avermelhado, pertenciam à família Camino; o quarto era um homem jovem, um amigo a quem a guerra civil desarraigara da família e a quem ocorrera partir para as Canárias quando soube que os outros três iam para as ilhas. O aspecto deste homem não era muito elegante nem cuidado; no entanto, naquela época difícil, tinha a estranha sorte de possuir dinheiro suficiente para se permitir viver onde quisesse, ainda que sem grandes luxos. A sua ocupação também lho permitia: era pintor, mas, na verdade, há muito tempo que não vendia um único quadro.

Encostado à balaustrada, junto da exuberante e madura senhorita Honesta Camino, Pablo, o pintor, parecia muito jovem. Ainda o era mais do que parecia porque a sua cara morena, de traços sensuais e simpáticos, estava marcada por azares de uma vida na qual nem sempre se saíra bem. Na verdade, Pablo estava ainda em idade militar, mas padecia desde a infância de um coxear que o livrava das obrigações da guerra.

Os outros três, Honesta, Daniel Camino e a mulher deste, Matilde, vinham para a ilha na qualidade de refugiados. Procuravam, naqueles tempos agitados, o amparo de uns sobrinhos que gozavam de uma boa posição. A sua vida, desde o início da guerra civil, fora muito penosa. Os acontecimentos surpreenderam-nos em Madrid, onde viviam desde sempre. Dali, passaram para França até receberem o convite hospitaleiro de José Camino. Agora encostavam-se uns aos outros, ao verem a nova terra desconhecida. O ar daquela terra caldeava-lhes os rostos de pessoas já maduras que exprimiam um certo pasmo nos dois irmãos Camino e fadiga na cara magra de Matilde.

Honestá estremeceira quando o barco passou diante daquela costa cheia de escarpas tristes e estéreis.

– Julgava que vínhamos para um paraíso!

Matilde, uma mulher alta e pálida que, apesar do dia primavera, se aconchegava num grande casaco e que sofrera horríveis enjoos durante a viagem, olhou-a com ironia.

– Nada de paraísos. Estas ilhas são terríveis.

Matilde era licenciada em História. Supunha-se que os seus juízos eram inapeláveis.

Com os olhos sorridentes sob as sobrancelhas negras, Pablo interveio, dizendo-lhe para não ser tão pessimista.

Daniel Camino, que, em contraste com a mulher, era baixinho, gorducho e muito sardento, manifestava a sua inquietação.

– Devemos estar a dar a volta ao ilhéu – voltou a dizer Matilde.

Tirou do bolso do casaco um mapa do arquipélago que, desde que tinham decidido empreender a viagem, tinha sempre à mão. Ali surgiam as sete ilhas com os seus nomes: Tenerife, Gran Canaria, Fuerteventura, Lanzarote, Gomera, Hierro e La Palma... Todos estavam habituados a ver Matilde durante a viagem com aquele mapa do arquipélago na mão, e costumavam sorrir;

naquele momento, porém, inclinaram-se vivamente sobre ele. Até Pablo espreitou por cima do ombro de Honesta para olhar para aquele papel que o ar levantava e dobrava a cada instante pelas pontas.

A Gran Canaria era a ilha para a qual se dirigiam, a antiga Tamarán dos guanches. Ficava quase no centro do arquipélago. No mapa, aparecia arredondada em forma de cabeça de gato com uma só orelha a noroeste. Esta orelha era o ilhéu; o istmo que a une ao resto da ilha dá lugar, a leste, à grande enseada, origem do Puerto de la Luz; a oeste, à formosa praia natural de Las Canteras, que não é a única da cidade de Las Palmas.

A cidade estende-se a partir dos contrafortes do ilhéu, formando o bairro portuário, ao longo de todo o istmo, numa zona ajardinada em frente ao porto, para depois continuar ao longo da costa até alcançar os bairros de Triana e Vegueta, que são o seu verdadeiro coração. Por trás destes bairros, erguem-se fendas que formam ruas populares, escalonadas, de casinhas térreas, caiadas ou pintadas.

Os forasteiros ignoravam tudo isto. Matilde apenas assinalou no mapa o lugar aproximado onde deviam encontrar-se naquele momento: dando a volta ao ilhéu, para entrar no Puerto de la Luz.

Ouviu-se a sua voz precisa, de professora consciente:

— Gran Canaria... Estamos no centro do arquipélago. Entre os 27° 44' e os 28° 12' de latitude norte e os 9° 8' 30" e os 9° 37' 30" de longitude oeste.

Fechou o mapa e comentou de novo:

— Unamuno não conseguia perceber porque é que chamavam a este arquipélago o das ilhas afortunadas e Paul Morand disse que Las Palmas, precisamente Las Palmas, era o recanto mais feio do mundo.

Pablo sorriu. Achava piada a Matilde, sobretudo quando a via ao pé do marido. Ela olhava-o, aguda, com os seus olhos grandes, redondos e feios.

– Matilde, as coisas que tu dizes! Se não há aqui um clima estupendo! Muitas montanhas muito altas e, segundo as minhas informações, toda a espécie de cultivos, desde as plantas tropicais junto ao mar até às árvores das terras frias... Olha agora. Não me parece que isto seja o recanto mais feio do mundo.

Estavam a entrar no porto. A cidade parecia bela, envolta naquela luz de ouro.

Os soldados, apinhados nos conveses, comoviam-se, lançavam vivas. Tinham passado toda a viagem em paródias contínuas, acompanhadas à guitarra ou com simples canções da terra: *isas*<sup>1</sup> e folias.

– As ilhas sempre me pareceram terríveis... E as ilhas vulcânicas ainda mais. Não consigo evitá-lo; fico nervosa ao pensar que, de repente, pode haver uma erupção.

Hones voltou-se para Pablo enquanto um suspiro lhe inchava o peito. Sorriu, infantil.

– Se isso acontece à Matilde, que é corajosa, imagina a mim, Pablito... Mas prefiro imaginar bosques de coqueiros e ukuleles e tudo o mais, embora saiba que não existem... E eu sou mesmo uma criança!

Daniel disse, numa voz ténue, que não iria reconhecer o sobrinho.

– Oh, Daniel! Não creio que aquele rapaz possa ter mudado assim tanto. Já era muito alto quando deixámos de o ver...

Era Hones quem dizia isto. Matilde não conhecia José.

– O meu pobre irmão Luis – explicou Daniel a Pablo – empenhou-se em vir para estas ilhas porque tinha a mulher tuberculosa e disseram-lhe que o clima seria bom. Veio para cá com ela e com o filho; mas, poucos meses depois, a mulher morreu. Mais tarde, contraiu novas núpcias e delas nasceu um bebé, uma menina, que não conhecemos.

1 Canto e dança típicos das ilhas Canárias. [Todas as notas são dos tradutores.]

Matilde interrompeu-o, enquanto perscrutava com os seus olhos saltitantes aquele horizonte do porto e dos molhes nos quais estariam dentro de minutos:

– Já não será propriamente um bebé, se o teu irmão morreu há dez anos.

– Sim, morreu num acidente de automóvel. A segunda mulher tem uma saúde delicada, de acordo com o que nos escrevem, e o miúdo... quero dizer, o meu sobrinho José, a quem sempre chamámos assim, já é um senhor casado e tudo... Julgo até que é mais velho do que tu, Pablo.

Hones ergueu a cabeça, envolta num lenço de seda verde, sob o qual brilhava o cabelo oxigenado. Incomodava-a ouvir falar de idades.

– Que lindo dia, Pablito!... Já chegámos.

– Aí está! – disse Daniel, excitado. – É inconfundível.

Honesta olhou. Viu, no porto, a figura magra e escura, rematada por uma cabeça albina, e viu que aquele homem os saudava com um lenço. Na mão cintilava algo, um anel.

Também ela agitou o lenço, levando-o depois aos olhos, comovida.

– A família, Pablito... É comovente! A voz do sangue! Reconheço que sou uma tonta...

Pablo ria simplesmente, mostrando uns dentes brancos. Muito interessado no espectáculo do porto, ao mesmo tempo que ouvia Hones. A família Camino divertia-o sempre muitíssimo.

Ele dilatou o nariz ao cheirar a terra que, após vários dias de navegação, deixava sentir o seu perfume. Sentiu-se cativado pelo espectáculo dos molhes e semicerrrou inconscientemente os olhos para captar melhor os matizes da luz. Depois de alguns anos muito angustiados, teve uma sensação agradável, como se tivesse verdadeiramente chegado a um refúgio. Teve a impressão libertadora de que estava a começar a livrar-se de certas obsessões íntimas e amargas.

Marta Camino viu Honesta e Pablo a descerem a passadeira do barco e, atrás deles, Matilde e Daniel. Pablo foi rapidamente apresentado e despediu-se logo a seguir.

– É um amigo – disse Honesta. – Um pintor célebre... na realidade, genial...

Com os olhos, Marta seguiu por um momento aquele jovem pequeno e enxuto, de cabelos encaracolados, que, apesar de coxear, se afastava agilmente, apoiado na sua bengala e seguido pelos carregadores. Não a surpreendia que os seus tios madrilenos fossem amigos das pessoas mais interessantes e geniais do mundo. O próprio Daniel, apesar do seu aspecto surpreendente, simultaneamente esmerado e insignificante, era director de orquestra e compositor: um músico extraordinário. Quanto a Matilde... Marta olhou para ela ansiosa e quase com medo. Aquela mulher alta, jovem, de feições marcadas, com uma bonita trança castanha à volta da cabeça, era uma poetisa célebre. Marta, que estava a acabar o liceu e a passar, com sintomas de grande virulência, pelo sarampo literário, sentia-se transportada pela ideia de que uma escritora «a sério» iria viver em sua casa. Honesta, muito loura e exuberante, cheia de gestos lânguidos e afectados, era irmã deles. Respirava, desde sempre, aquele ambiente de arte, de preocupações intelectuais no qual Marta imaginava que os forasteiros viviam imersos; participava no encanto daqueles seres mágicos.

Os seres mágicos fizeram pouco caso da sua tímida e emudecida sobrinha. Apenas Hones, como se tivesse esperado vê-la de touquinha apesar dos dezasseis anos de Marta, se admirou por ela estar tão crescida. Todos se dedicaram muito mais a José e a Pino e contemplaram com agrado o magnífico automóvel que os esperava.

Daniel era muito velho. Não tinha uma só câ nos cabelos avermelhados e encaracolados que cobriam algumas calvas, não tinha grandes rugas na cara rechonchuda, mas era muito

velho. Talvez esta impressão se devesse à audição da sua voz aflautada cheia de notas falsas. Dizia:

– Não está mal, o carrito, José. Último modelo?

José mostrou os seus dentes feios.

– Troco-o de dois em dois anos.

O automóvel era grande. José conduzia e Daniel e Marta iam folgadamente ao seu lado no banco dianteiro. As outras três mulheres iam atrás.

Marta sentia que flutuava numa espécie de névoa de felicidade. Quase não conseguia ouvir as conversas dos outros porque aquela felicidade a ensurdecia. A cidade desfilava, abria-se à passagem do pára-brisas.

*Como será uma cidade que nunca se viu?*, pensou Marta. Tentou imaginar que ela própria era uma viajante recém-chegada. Pareceu-lhe, só de o pensar, que o céu se tornava mais profundamente azul, as nuvens brancas mais inquietantes, os jardins mais floridos.

Mergulhada no seu sonho, notou como o carro atravessava Las Palmas de uma ponta à outra. Pela longa rua de León y Castillo, que une de lés a lés o bairro do porto e o centro da cidade, cruzavam-se automóveis, típicos autocarros de passageiros, camiões. Por vezes, a rua seguia paralela ao mar e, durante uma parte do percurso, passava entre Ciudad Jardín e a praia-zinha de Las Alcarabenas, na qual havia, naquele dia bonito, alguns banhistas. Tudo isto parecia a Marta cheio de calor e de vida. Mas os olhos de Daniel, que ela consultava, não exprimiam a menor admiração. Ele via casas pequenas, pessoas pausadas, esmagadas pelo dia lânguido, pesado e sonolento. Também havia na cara daquele homem algo de pesado e sonolento.

O carro saiu da cidade pela estrada do Centro.

– Vivemos no campo por causa da minha madrastra – explicou José a Daniel.

– Oh!... Sim!... Tu escreveste-nos que a pobre senhora estava um bocado adoentada. Nervos ou algo parecido?...

Marta ficou inquieta. O automóvel deixava para trás o vale plantado com bananeiras, à saída da cidade. Via-se o cume central servindo de fundo à paisagem. A estrada mostrava as suas curvas violentas, subindo a montanha áspera, calcária. Marta julgara, até àquele momento, que os peninsulares já sabiam tudo a respeito da sua mãe.

– Pois sim... Nervos.

José franziu ligeiramente o cenho e meteu outra mudança no automóvel.

Do banco de trás chegou, muito desagradável, uma gargalhadinha de Pino.

– Nervos! Que estás tu a dizer, rapaz?... Também não se pode dizer que a Teresa está louca? Não é nenhum segredo!

– Oh! – exclamou, lá atrás, Honesta.

Marta viu que Daniel pestanejava rapidamente, impressionado. Os olhos de Daniel tinham a mesma cor desmaiada que os do sobrinho, mas eram mais pequenos, menos salientes. Marta pensou porque estaria José calado. Era bem claro que todos queriam tranquilizar-se. Por um momento, meditou que talvez lhe fosse possível vencer a sua selvagem timidez e explicar ela própria as coisas. Mas José já estava a falar.

– Não se pode dizer que a Teresa esteja louca... Ela ia no automóvel com o meu pai, no dia do acidente, quando ele morreu. A minha madrastra ficou muito abalada... No entanto, os médicos são da opinião de que aquilo que a Teresa tem lhe poderia ter acontecido sem o acidente... Falam de um coágulo no cérebro. Enfim, ninguém sabe exactamente o que se passa. Ela perdeu as faculdades mentais; nunca fala e não dá mostras de conhecer ninguém. A sua loucura, caso seja possível chamar-lhe tal coisa, é pacífica. Está sempre nos seus aposentos. Vocês não notarão a presença dela.

Ao subir a montanha, o carro entrou em paragens risonhas. Vales verdes, com plantações de bananeiras em socalco. Casinhas floridas. Algumas palmeiras.

O ar tornou-se muito mais vivo e fino do que na cidade, embora o automóvel só tivesse demorado um quarto de hora a subir a montanha. Marta regressou à sua abstracção.

*Se não conhecesse esta palmeira alta que, numa volta, dá tanta graça à paisagem, se não conhecesse estes jardins floridos de buganvílias, se não conhecesse a estrada alcatroada, sombreada de eucaliptos centenários, nem o telão alto, azulado, de Cumbre Vieja, o que é que aconteceria? O que sentiria neste momento?*

José conduziu o automóvel por uma estrada lateral entre quintas e vinhedos. Marta, orgulhosa, como se se recordasse de alguma coisa, virou a cabeça para anunciar:

– Nós vivemos nas faldas de um antigo vulcão.

Viu que Matilde olhava para ela com um ar assustado. Todos se calaram. Pino, que estava sentada entre os dois peninsulares, tinha um sorrisinho sarcástico muito seu. A sua cara, entre a afilada Matilde, com o seu nariz de cavalete, e a rubicunda Hones, parecia exótica, algo negróide nos traços, embora tivesse a pele pálida e branca. Falava muito docemente, num tom algo queixoso.

– É horrível viver aqui, tendo uma casa fechada em Las Palmas... Vocês não sabem o que é a minha vida!

– Oh, mas isto é muito perto da cidade.

Matilde disse esta frase porque o carro entrava naquele momento num portão de ferro e descia uma avenida de eucaliptos entre colinas plantadas com vinhas. As videiras cresciam enterradas em inumeráveis valas, entre lava desfeita, negra e áspera. Este mesmo *picón*<sup>1</sup> produzia um curioso guincho ao ser esmagado pelas rodas do automóvel.

1 Terra vulcânica das ilhas Canárias, que retém a humidade.

A avenida desembocava num jardim antigo, encantador, como um miradouro na colina. Havia árvores antigas e canteiros carregados de flores. A casa não parecia muito grande, mas era simpática na sua ausência de pretensões, com muitas trepadeiras a adorná-la.

José parou o automóvel numa praceta diante da porta principal. Nela havia uma fonte. Buzinou e apareceu um jardineiro muito jovem mas de estatura elevada, quase gigantesca, louro e corado como um autêntico guanche, com o seu branco sorriso infantil. Estava em mangas de camisa.

Quando todos se apream, Chano, o jardineiro, meteu-se no automóvel e levou-o por uma curta avenida em declive que conduzia à garagem.

Honesta juntou as mãos com admiração. Semicerrou os olhos.

– Bela casinha para uns recém-casados! Que felicidade! Pino olhava-a de soslaio.

– Sim?... Agrada-vos? Eu não sei o que daria para a perder de vista.

Marta pensou que Hones era afectadíssima.

Houve um silêncio antes de aquelas pessoas entrarem em casa. Nesse silêncio ouviu-se o zumbido dos moscardos, e o perfume das roseiras pareceu tornar-se mais intenso. Os limões amarelos destacaram-se claramente na fila de limoeiros que ali delimitava a quinta e o jardim.

– Esta paz é um pouco opressiva – disse Matilde. – Parece mentira que haja guerra, que Espanha esteja em plena guerra civil.

A porta de casa, muito simples, abriu-se dando passagem a um senhor enorme, de aspecto tristonho e bondoso, com uma grande barriga atravessada, à moda antiga, pela corrente de um relógio.

– Bem-vindos, senhores – Pino soou cerimoniosa. Notava-se a sua falta de naturalidade. – Tenho o prazer de vos apresentar o meu padrinho. Hoje veio almoçar connosco e conhecer-vos.

– Também é meu padrinho – disse Marta inutilmente porque ninguém a ouvia.

José acrescentou, enquanto o cavalheiro grande barrigudo apertava as mãos a todos:

– O don Juan é o médico da casa. Era o melhor amigo de infância do avô da Marta. Hoje em dia, é o nosso parente mais próximo.

– Entrem, meus filhos – disse familiarmente don Juan como se fosse, com efeito, o dono da casa. – Entrem e tomem posse...

Todos foram entrando; Marta ficou para trás, sem se decidir a segui-los. Pela primeira vez, observou atentamente a casa onde tinha nascido. Olhou-a criticamente, como uma desconhecida teria podido fazê-lo. No jardim, cresciam já os crisântemos e continuavam a florir as dalias. Pelas paredes do edifício, trepavam os girassóis, as madressilvas e as buganvílias. Todos estavam em flor. Os seus odores misturavam-se ardentemente.

Marta sentiu-se satisfeita com aquela beleza, com aquela exuberância luxuosa.

*Noutros países, nesta época do ano, já faz frio. Caem as folhas de todas as árvores, talvez até neve...*

Tentou imaginar que vinha de um país muito frio, cheio de trevas, e que chegava a esta casa... Sentou-se no degrau da entrada e pôs a palma da mão no *picón* cálido que nunca recebera a carícia da neve.

O sol batia-lhe nos olhos e teve de os piscar. Diante dela, as montanhas expunham a sua ondulação; o alto e longínquo cume central brilhava em azul pálido, parecia navegar em direcção à rapariga como, horas antes, o navio tinha navegado pela manhã.

Marta pensou nas três pessoas que acabavam de desembarcar. Através da porta-janela aberta, ouvia as suas vozes.

Ao longe, ouvia-se um ancinho a arranhar o *picón* dos passeios. A voz potente do jovem jardineiro Chano deixou-se

ouvir numa canção de notas longas, profundas. Deteve-se por um momento e, no silêncio, ouviu-se o grito de uma criada chamando-o à cozinha, para o almoço.

Tudo isto era suficientemente plácido e encantador, como ela queria que fosse para os refugiados de guerra que tinham chegado. Mas Marta não estava tranquila. Dentro das paredes da casa, esta placidez e esta tranquilidade desapareciam. Lá dentro, não havia felicidade, nem compreensão, nem doçura.

Marta franziu o sobrolho.

Da porta-janela, chegava a voz da sua cunhada respondendo a uma insinuação de Hones:

– Não, que ideia!... A miúda não me faz companhia nenhuma. Está sempre nos estudos dela. E além disso... se visse como ela é! Querem acreditar que esta manhã a encontraram a dormir na sala de jantar com uma garrafa de vinho na mão?

O coração de Marta bateu desagradavelmente, porque aquilo que Pino dizia era verdade. Não havia meio de se defender de tal coisa. Na noite anterior, Pino e ela, que tinham vivido indiferentes uma à outra durante alguns meses, tinham-se encontrado frente a frente. Marta estava ainda ressentida, acima de tudo, porque tinha sido muito covarde e muito tonta. A voz de Pino feria-a. Um dia, porém, estas pessoas recém-chegadas saberiam que ela, Marta, tinha sofrido entre os receios e a vulgaridade que aquelas paredes escondiam, e este pensamento consolava-a de um modo infantil.

«Sofri.»

Murmurou isto e notou que os seus olhos se enchiam de lágrimas. Então, sentiu que alguém a observava.

Voltou a cabeça e viu, afastada dela por vários canteiros de flores, a figura de uma mulher, vestida com um fato de saia comprida, como as camponesas velhas. Usava um lenço negro na cabeça e sobre ele colocara um grande chapéu de palha, como fazia sempre que ia ao jardim ou à horta. Era Vicenta, a cozinheira da casa. Ali tratavam-na por *majorera*, porque

os habitantes de Fuerteventura são chamados *majoreros* e *majoreras* e ela era oriunda daquela ilha.

Marta não sabia que Vicenta tinha estado na sala de jantar a espiar os recém-chegados, sentira a sua falta na reunião familiar e fora ao jardim com a intenção de averiguar onde ela estava.

Não lhe disse nada. Marta também nada lhe disse. Mas levantou-se, possuída pela grande vergonha de ter sido apanhada pela criada num momento de fraqueza. Sentiu que corava lentamente, movida pelos seus pensamentos. Abriu cuidadosamente a porta de casa, com uma certa inabilidade selvagem e comovente, e desapareceu no seu interior.

A mulher, que estava na esquina da casa, também se foi embora. O jardim ficou solitário, cheio da luz do meio-dia.

## II

A noite anterior tinha começado, como sempre, com um aborrecido jantar de família. Ao meio-dia, as refeições eram menos pesadas. José tinha o hábito pouco simpático de se isolar por trás do jornal, e Pino e Marta quase não falavam uma com a outra. O almoço acabava rapidamente. José olhava para o relógio e Marta corria a arranjar-se para ir com ele para Las Palmas. José ia para o escritório e, de caminho, deixava Marta no Instituto.

À noite, José e Pino costumavam discutir assuntos da casa ou de dinheiro, e Marta isolava-se numa espécie de neblina por trás da sua própria imaginação. Por vezes sorria e isto irritava muitíssimo Pino. José prestava-lhe menos atenção.

Nos últimos tempos, desde que a notícia da vinda daqueles parentes tinha chegado, Marta prestava atenção. Naquela vida monótona, a chegada daquelas pessoas adquiria uma importância enorme. Pino estava agitada porque José contava que eram pessoas habituadas a viver em sociedade, muito amigos de estar em toda a parte, com muitas relações.

– Mandaste limpar os talheres de prata?

– Claro que sim... Tens tanta irritação por essa gente, mas depois estás sempre a aborrecer-me para preparar a casa.

Porque José, ao falar dos parentes, utilizava sempre um tom irónico e um pouco rancoroso. Dizia que eram uns desordenados

e uns boémios. Descritos por José, Marta já não sabia se eram pessoas habituadas a todos os luxos ou uns semimendigos que ficariam assombrados diante de um frango assado por Vicenta.

Marta tinha a sua ideia feita sobre eles. «Boémios», «vagabundos», estas duas palavras a seguir a «artistas» tinham, para a rapariguinha, um poder de sugestão extraordinário. O seu próprio pai tinha sido assim, um boémio e um vagabundo, ou, pelo menos, assim ouvira ela qualificá-lo; só que Luis Camino não tinha sido artista e, portanto, não era nem justificado nem enaltecido por estes títulos que José aplicava com desprezo.

– Se te parecem tão idiotas, não sei porque é que te incomodaste a trazê-los, meu menino; teria sido melhor teres-me dado a mim esse dinheiro para os meus fatos.

Isto disse Pino, nessa noite. José impacientou-se:

– Fi-los vir porque me apeteceu, percebes? Fico contente por virem cá e verem como vivo e aquilo que tenho. Estavam sempre a dizer que eu não chegaria a lado nenhum, que seria toda a vida um desgraçado. Agora, os desgraçados são eles... Aliás, são convidados da Teresa. Se ela pudesse, tê-lo-ia feito. Esta casa é dela e aqui as coisas fazem-se como a Teresa teria querido fazê-las.

– Sei-o bem demais – começou Pino a guinchar. – Estou farta de o saber, percebes? Farta!... Estou pelos cabelos com a Teresa.

Pino levou as mãos à garganta, agitada. Naquelas alturas, notava-se o leve estrabismo de um dos seus olhos grandes e negros.

Marta olhou instintivamente para a longa mesa, cujo um dos extremos se perdia, vazio, na penumbra. Uma jarra de vidro verde com rosas amarelas enfeitava sempre aquela mesa e esta era uma das manias de José, porque Teresa gostava deste adorno. Na quinta, havia muitas roseiras amarelas. Floriam em todas as épocas do ano.

A sala de jantar, que era uma divisão espaçosa para a qual convergiam três portas (uma delas, a entrada principal da casa), conservava intacta a distribuição dos móveis tal como Teresa os havia disposto, assim como, em geral, toda a casa, que tinha sido restaurada na altura do casamento dos pais de Marta. Uma das paredes da sala de jantar, aquela que, nessa noite, estava um pouco na penumbra, era decorada com uma grande escada de madeira escura, encerada, que conduzia ao piso superior. Também Marta olhou para ali. No vão desta escada havia um banco de madeira e palha e um relógio de pé. *Em breve*, pensou a rapariga observando o mostrador, *serão horas de nos irmos deitar*. Não tinha sono, mas sim vontade de se deitar sozinha no quarto, sem ouvir discussões.

Nas portas-janela, ouvia-se um ruído semelhante ao da chuva; o vento empurrava os ramos tenros das trepadeiras contra os vidros.

– Se estás farta da Teresa, paciência – disse José.

Assim terminou a discussão, naquela noite.

Pouco depois, subiram os três a escada em fila indiana. Marta deu por si sozinha, como queria, no seu grande quarto, onde os móveis pareciam nadar no chão encerado. Tinha uma janela muito bonita que dava para a parte mais tranquila e cálida do jardim. A janela estava aberta e o campo, cheio de paz. De repente, ouviu-se, muito enfraquecido pela distância, o longo gemido da sirene de um barco que entrava ou saía do porto. Marta sobressaltou-se.

Parecia-lhe sempre um milagre aquele fenómeno acústico que trazia o som das sirenes dos barcos, através dos barrancos, até ao seu quarto. Emocionava-a sempre ouvi-las, provocavam nela uma nostalgia enorme, como se alguém muito querido e distante a chamasse na noite.

*Também eu sou uma vagabunda.*

Sorriu ao dizer isto a si própria, recordando o avô, pai de Teresa. Era um cavalheiro muito bondoso e culto. Teresa tinha

sido a sua única filha e Marta a sua única neta. Tinha vivido com ele, na sua casa de Las Palmas, muitos anos; desde a morte de Luis Camino e da doença de Teresa até também ele ter morrido. Fora o avô quem lhe dissera um dia, respondendo às perguntas da menina:

– Não deves fazer caso quando te disserem que o teu pai foi um mau homem e um vadio... Era um pouco infeliz, sabes? Tinha-se ancorado aqui na ilha e ele não era feito para isto. Era um tipo um pouco boémio e vagabundo... Foi certamente por isso que se zangou com a família de Madrid. Às vezes, um homem sai assim e, então, é uma desgraça: não consegue parar em lugar nenhum. Tem sempre vontade de se ir embora.

– E uma mulher?

O avô desatou a rir e acariciou-lhe a cabeça.

– Não, uma mulher não... Nunca ouvi tal coisa. Iria contra a natureza.

Marta, no entanto, estava a convencer-se de que, apesar de tudo, tinha algo de vagabunda. Estava sempre a sonhar conhecer países distantes. As sirenes dos barcos arranhavam-lhe o coração de uma maneira muito estranha.

Quando o avô morreu, José, que era seu tutor, autorizou-a a continuar o liceu; porém, durante dois anos, não o fez oficialmente, mas sim num internato de freiras. Teria gostado de ali estar, porque se adaptava com facilidade a todas as circunstâncias, não fora aquela opressão de se saber fechada num edifício. Mais tarde, José, que nunca deixou de viver na quinta, casou com uma enfermeira de Teresa. Isto acontecera na Primavera anterior e Marta voltou para casa com o casal e aos seus estudos oficiais.

Enquanto se despia, Marta via as gavetas da sua secretária despreocupadamente abertas, completamente vazias. Nessa mesma tarde, transferira todos os livros e papéis para uma secretária na salinha de música, um quarto no piso térreo da

casa onde ela pensava dormir quando os parentes chegassem. Ia ceder o seu quarto à tia Honesta. Na casa, havia apenas um quarto de hóspedes, que deveria ser ocupado por Daniel e pela sua mulher.

Apagou a luz e ficou de olhos abertos, a pensar em mil coisas insensatas. Via brilhar as estrelas no recorte da janela. Do lado mais distante do jardim, chegou um leve raio de luz; Marta sabia que Chano, o jardineiro, se estava a deitar no seu pequeno quarto por cima da garagem. Aquela luz apagou-se logo a seguir.

Marta não podia imaginar que o jardineiro grandalhão era medroso e estava a passar o pior momento da jornada. Trancava com cuidado as portas de madeira e ficava a ouvir os negros golpes do vento nas paredes da garagem isolada. As paredes do seu quarto, cheias de fotografias de artistas de cinema que o rapaz recortava de revistas, pareciam-lhe, naquele momento, hostis. Olhava cuidadosamente para baixo da cama antes de se enfiar nela e, ao apagar a luz, tapava a cabeça com o lençol. Nunca ninguém soube destes terrores do rapaz.

Pouco depois, tanto ele como Marta, e também seguramente todas as pessoas da casa, nessa noite, estavam a dormir.

Abriu-se uma porta do jardim e os cães ladraram furiosamente. Chano encolheu-se entre sonhos. Depois, os cães pararam de ladrar e o rapaz adormecido tranquilizou-se.

Foi nesse momento que Marta acordou. Tal coisa nunca lhe acontecia e teria jurado que nem sequer tinha adormecido, tão assarapantada, viva e trémula se sentia. Era como se tivesse ouvido de novo as sirenes dos barcos ou como se tivessem chamado angustiadamente pelo seu nome.

Adormecera a pensar nos seus cadernos, nos seus papéis. Não os transferira todos para a sala de música. Há muito tempo que escondia parte deles entre uns livros velhos esquecidos num caixote do sótão. Fazia-o desde que soube que Pino costumava examinar-lhe as gavetas. Aquela divisão, aliás,

aquele sótão sempre tivera um encanto especial para a menina. Descobriu-o na época em que ainda vivia com o avô. Todos os domingos, durante aqueles anos, o velho e a menina, acompanhados pelo médico, subiam ao Monte para ver a doente e passavam ali o dia. Marta encontrou aquele caixote com os livros que tinham pertencido ao seu pai e sentiu um grande prazer ao lê-los, um a um, em segredo. Nem ao avô, que fiscalizava cuidadosamente as suas leituras, se atreveu a dizer o que quer que fosse sobre isto. Mais tarde, quando ela começou a escrever fantasias, gostava de as escrever ali.

Naquela noite, pensou nas suas «lendas». Desde que soube da chegada dos forasteiros, estas lendas tinham tomado forma dentro dela. Inventava coisas da ilha, misturando nos relatos a sua própria pessoa com os demónios e os deuses guanches, e fazia-o como uma espécie de oferenda aos que iam chegar, para quem a Gran Canaria era uma terra desconhecida e por descobrir. Ultimamente, estas coisas que ela escrevia tinham-se transformado numa grande ilusão para Marta. Gostava delas. Pensava que, pelo facto de as fazer, talvez fosse digna daqueles artistas, daqueles criadores de beleza que eram os seus tios.

Nela, o desejo de escrever tornou-se tão forte que a envolveu numa cálida onda de entusiasmo. Saltou da cama, descalça e em camisa de noite, como um pequeno fantasma. Sem acender as luzes, deu por si no corredor dos quartos. Duas janelas deixavam passar a ténue claridade do céu. No fim daquele corredor, uma escadinha em caracol, muito escura, subia até ao sótão. Os degraus rangiam a cada passo. Na escuridão, Marta sentiu uma ligeira vertigem e agarrou-se ao corrimão para não cair, mas o desejo que a invadia era muito grande. Continuou a subir e suspirou de alívio ao encontrar a porta e a grande chave na respectiva fechadura. A porta chiou ao abrir-se e no silêncio da noite aquele ruído era assustador.

Um ar frio e negro bateu-lhe na cara. Procurou o interruptor com um certo nervosismo.

Muitos anos antes, aquela divisão, que era uma espécie de pequena torre na casa, com quatro janelas, tinha agrada-do a Luis Camino, que pensou instalar nela a sua biblioteca. O projecto ficou abandonado, como tantos outros, na abulia que presidiu à última época daquele homem. Os seus livros ficaram no caixote, entre móveis e malas velhas.

Marta foi até ao caixote e levantou habilmente duas tábuas. Lá estava o caderno com o seu diário e o outro, com as len-das. O seu coração batia com força. Ali, tinha sempre um lápis preparado. Mordeu-o e depois começou a escrever com um certo arrebatamento:

«Gran Canaria...

A luz da manhã, verde, tem uma frescura salobra, marinha, como se a ilha saísse das águas a cada amanhecer.

Marta, após uma noite inquieta, cheia de projectos, adormece por fim. O pequeno mar dos seus lençóis cresce até a cobrir e é o oceano infinito e brilhante do dia em que Alcorah, o velho deus canário, tirou do seu fundo azul as sete ilhas afortunadas. Uma maré cálida e húmida vem das terras recém-criadas. O coração palpita brutalmente, cego, entre a bruma pegajosa do mar. Há imagens e sombras de ilhas que dançam.

A voz de Alcorah enche de ouro os barrancos, cria nomes e desfaz névoas. As palmeiras, os picos, os vulcões, surgem numa luminosa, imponente solidão... Marta chama a si própria Marta num campo de vinhas quentes de Tamarán, a ilha redonda.

Lendas de gigantes e de montanhas sobem à sua volta como o vapor do calor ao meio-dia.

Assim, Bandama, a montanha negra, que Marta tem diante dos olhos, aparece na sua história antiga. Bandama é o gigante que instalou nos dias do caos da ilha a grande caldeira, onde

o fogo infernal fez ferver os primeiros componentes da vida dos diabos. Fervor e loucura que não resistiram ao sorriso de Alcorah. A grande caldeira fervilhante converteu-se, com este conjuro, num imenso ninho de pássaros.

“Assim acontecerá com o teu coração”, diz Alcorah a Marta nesta noite de sonhos.

Sombras de nuvens passam sobre o velho vulcão apagado e a voz do deus das ilhas desaparece pelos barrancos deixando ecos imprecisos e angústia. Marta viu-se no sopé da Caldeira, perto de sua casa, que ainda não existe, só, entre a dor das vinhas e das figueiras.

Poderá o coração de uma menina perdida numa ilha dos oceanos vir a ser uma caldeira fervilhante, um grande ninho de pássaros?»

Ao terminar este trecho, leu-o duas ou três vezes, acalorada. Depois, foi arrefecendo. Por muito carinho que tivesse pelas suas coisas, era suficientemente culta para saber quantos defeitos tinham os seus poemas, quão balbuciantes eram ainda. Mas os parentes compreenderiam, ao lê-los, que ela era apenas uma rapariguinha muito jovem e isolada.

Guardou os cadernos e, pela primeira vez, sentiu frio no corpo, que, por baixo da camisa de noite, estava nu. Uma das janelas tinha um vidro partido e a corrente de ar fazia bater a lona que cobria um antigo berço desmontado, com um *plop plop* insistente e frio. A lâmpada, pendurada num fio, balouçava, erguendo estranhas sombras dos recantos.

Sem saber porquê, Marta aproximou-se de uma das janelas. Limpou o pó do vidro com as mãos e aproximou o nariz dele. Sabia que, dali, entre duas colinas, se via um bocado de mar longínquo. Se tivesse apagado a luz, tê-lo-ia visto brilhar sob as estrelas. Porém, não apagava a luz porque, de repente, a noite, o silêncio e o insólito de estar naquela divisão a tais horas começavam a assustá-la.

O vidro devolveu-lhe a sua própria imagem, a sua cara de menina, com as maçãs do rosto arredondadas e os olhos um pouco oblíquos como duas riscas inclinadas de água verde. Naquela cara havia qualquer coisa de tímido e espantado que a assustou ainda mais. Pareceu-lhe que, atrás dela, os móveis rangiam com uma vida misteriosa. Teve a sensação dos seus pés descalços, indefesos contra possíveis baratas; teve também a sensação de um ofego e de um olhar humano cravado na sua nuca e ficou como que hipnotizada a olhar para aquele vidro, sentindo que as mãos arrefeciam e que o coração não se atrevia a bater.

A porta do sótão, talvez empurrada pelo vento, abriu-se nas suas costas; ela fechou os olhos, encolhida, esperando inutilmente o golpe de ar que a faria fechar-se de novo. De súbito, tudo lhe pareceu tão absurdo que fez um esforço e virou-se bruscamente.

Julgou que o seu coração paralisava porque, com efeito, estava uma longa figura humana à porta, com uma vela acesa. Por causa do terror que lhe infundiu, demorou alguns instantes a reconhecer a sua cunhada Pino e, logo a seguir, o alívio foi tão grande que deu por si com os joelhos frouxos e até com vontade de rir.

Pino era a realidade. Algo muito sólido que varria da noite o medo e os insectos do sótão. Algo muito familiar e um pouco cómico, com aquele cabelo espesso de caracóis negróides, com o quimono aberto que o ar empurrava para trás e a camisa de noite que se colava ao seu corpo. Uma vela, sem dúvida recentemente retirada do toucador do seu quarto, tremia na sua mão insegura. Nos olhos de Pino, como acontecia sempre que estavam inquietos, acentuava-se o seu estrabismo. Era muito estranho que não dissesse nada. Tão estranho que foi Marta quem começou a falar:

– O que é que passa, Pino?

Pino respirava com força, como se se preparasse para falar e as palavras não lhe saíssem. Como Marta tinha avançado na sua direcção, ela empurrou-a, afastando-a, e foi encostar-se à mesma janela onde a rapariga tinha estado com a cara colada ao vidro. O tremor da sua mão era tão grande que a vela a incomodava. Apagou-a, esmagando a chama contra a parede, e atirou-a ao chão. Marta ficou muito espantada porque sabia o quanto Pino estimava qualquer objecto pertencente ao seu quarto, mesmo os mais insignificantes.

Pino, claro está, não via nada de notável no negrume exterior, embora tenha aberto a janela e posto a cabeça de fora, despenteando-se com o ar da noite.

Marta olhava-a, boquiaberta. Toda a impressão de familiaridade que a presença dela lhe trouxera desapareceu. Era como se a visse pela primeira vez na vida. Esfregou os olhos.

Pino fechou os vidros com uma pancada. Um deles já estava rachado e ouviu-se um rangido, como se estivesse quase a saltar. Ela virou-se para Marta, sempre em silêncio, fitando-a com aqueles olhos extraviados. De repente, deu uma palmada na testa e começou a passear pelo pequeno espaço livre de móveis que restava na divisão. Marta dirigiu-se para ela e mais uma vez ela a afastou, com uma tal rudeza que a fez tropeçar no caixote dos livros e ficar ali sentada, numa atitude um bocado cómica.

Pino passeava. Embatia nos móveis. Começava a mastigar frases soltas cada vez mais audíveis e, entre elas, dizia palavras. Marta já conhecia esta linguagem da cunhada, porque ela a utilizava sempre que se zangava com os criados. Na primeira vez que a ouvira, tinha acabado de chegar das doçuras do convento e até lhe achara graça. Mais tarde, todos os gestos de Pino, com todas as suas expressões, tinham começado a parecer-lhe muito vulgares. Agora, porém, estava assustada, quase boquiaberta de assombro, porque nunca tinha visto

ninguém naquele estado de demência. Nunca a sua mãe, embora dissessem que estava louca, tivera um ataque semelhante.

Pino começou a rir e a falar aos borbotões:

– ... tudo muito bem pensado. Pino, a idiota, dorme. E os irmãozinhos põem-se de acordo. Como é que ela vai suspeitar?... Mas eu tenho o sono leve... Eu oiço muito bem os passos na escada do sótão... O José não está na cama. Não é a primeira vez que me faz isto. Dizem que sofre de insónia... Insónia! Toda a família com insónia!... Porcos!... Onde está?

Dirigiu a última pergunta a Marta. Acabou por agarrá-la pelos ombros.

Nesse momento, Marta percebeu. Ao que parecia, o seu irmão José tinha tido a mesma ideia que ela, levantando-se de noite. Se Pino não estivesse tão agitada, ela ter-se-ia rido. Pensou, quase sem querer, no quanto Pino mudara desde que a conheceu, recém-casada, na Primavera anterior. Ultimamente, tudo a excitava. Marta falou numa voz muito calma.

– Eu não sei onde está o José, Pino. Porque é que imaginas que sei? Fiz um disparate ao vir ao sótão... Vamos embora.

Pino acalmou-se ligeiramente, com o tom daquela voz.

– Não sabes?... E à janela? O que é que estavas ali a ver? Tu sabes alguma coisa, é claro que sabes!... A velha a ti conta-te.

– Pelo amor de Deus! Qual velha?... Não te percebo.

Pino olhou-a de cima a baixo.

– Ah, sim... O anjinho... Julgas que eu chucho no dedo?... Tu sabes tudo e vais-mo dizer agora mesmo, percebes, agora mesmo.

– Não grites!

– Grito, pois. Porque não? Como se não estivesse em minha casa!

Marta encolheu os ombros.

– Bom, já chega... Vou para a cama.

Pino ficou desconcertada, enquanto Marta, com efeito, lhe virava as costas, dirigindo-se para a escada. Começou a

gritar-lhe que voltasse com tais gritos que a rapariga se deteve, espantada. A verdade é que Marta não estava muito segura de si. Tinha um sentimento de culpa por ter sido apanhada ali, a meio da noite, sem se poder justificar. Aquela palavra, que ela gostava de utilizar, a «inspiração», como pareceria ridícula se a dissesse a Pino num momento como aquele!

Pino ofegava. De súbito, pareceu soçobrar e apoiou-se na parede, tapando a cara com as mãos como se fosse começar a chorar. Respirava com força e tremia.

Marta ficou gelada. Achou-se repentinamente pequena e preocupada, de ouvido à escuta para ver se alguém vinha, embora soubesse que era muito improvável.

– Pino – disse –, tu estás doente, estás mal.

De repente, Pino correu para a janela como fizera antes. Tentou abri-la novamente e não conseguiu. Dizia que estava a sufocar. Puxava pela camisa de noite como se a roupa a oprimisse, até a rasgar. Por fim, começou a chorar, com o corpo frouxo, e Marta pensou que iria cair. Aproximou-se e tomou-a pelos ombros, fazendo-a sentar-se em cima do caixote onde ela estivera antes. Enquanto lhe falava, pensou que estava sempre destinada a tratar de pessoas que não lhe interessavam minimamente. No internato, era sempre ela a encarregada de acalmar uma rapariga histérica. Recordou os seus métodos.

– Pino, diz-me o que tens. Portámo-nos como duas loucas, mas não sei porquê... Como posso eu saber onde está o meu irmão?

Pino, calada, repuxava o quimono, entrando numa fase de depressão, e voltava a tapar a cara com as mãos. Estava muito fria. Por fim, decidiu-se a falar na sua voz queixosa.

– ... é que uma pessoa não sabe o que pensar. Se oiço passos na escada e o meu marido não está na cama... Há um mês, mandei as três criadas dormirem juntas no mesmo quarto. A Vicenta, a velha, guarda-as bem, mas a mim aquele demónio de mulher nem me pode ver. Talvez se faça desentendida

e uma delas saia e venha à procura dele... Eu sei lá! Não sabia se seria a desavergonhada da Carmela ou a outra, a Lolilla, que parece uma mosca-morta...

Marta tinha um olhar muito estranho ao ouvir tais coisas. Era realmente impossível habituar-se à ideia de o irmão sair durante a noite para se encontrar com as criadas. Na verdade, era inconcebível. Sabia que há homens que fazem estas coisas, mas tinha a ideia de que são seres viciosos e horríveis que não vivem nas nossas casas. José era um tipo maçador, era um homem vulgar, mas era demasiado difícil imaginá-lo como um sátiro. Era uma verdadeira monstruosidade imaginar a menor relação, a menor brincadeira, entre ele e a gorda Carmela, ou Lolilla, que, apesar dos esforços de Pino, era tão inapresentável que, se uma visita importante aparecesse na quinta, seria necessário escondê-la... José, que quase podia ser pai de Marta, a beijar Carmela na escuridão, a respirar o seu suor e o seu riso idiota, a subir ao sótão para esperar por ela!

Marta franzia o cenho porque, uma vez admitida esta imagem, embora não a julgasse certa, parecia que a queimava por dentro e lhe fazia mal. Continuava a escutar Pino.

— Que raio de coisa é essa, abandonar uma mulher recém-casada, sozinha, deitada na cama, à espera!... Quando me decidi a subir, a minha cabeça já não estava a regular muito bem. Abro a porta e vejo-te a ti descalça, a espiar pela janela... É de enlouquecer.

Marta sentia uma espécie de ligeiro enjoo, mas, ao ver o transtorno de Pino, por contraste, isso dava-lhe forças para manter a serenidade num momento tão estranho.

Pino estava a ficar pálida, de um pálido esverdeado, e tinha as mãos frias e húmidas. Marta assim as sentiu, ao tomá-las entre as suas. Explicou então, numa voz sufocada, que se sentia como se estivesse sem vida depois daquele ataque e via-se muito claramente que era verdade.

# ÍNDICE

## PRIMEIRA PARTE

I .....	11
II.....	26
III .....	46
IV .....	66
V.....	79
VI.....	96

## SEGUNDA PARTE

VII.....	111
VIII .....	122
IX .....	137
X.....	148
XI .....	164
XII.....	184
XIII .....	203
XIV .....	221

## TERCEIRA PARTE

XV.....	233
XVI.....	249
XVII.....	261
XVIII .....	274
XIX .....	296
XX .....	306

Em vésperas da Segunda Guerra Mundial, Espanha encontra-se mergulhada na guerra civil. Marta Camino, de dezasseis anos, vive em Las Palmas, nas ilhas Canárias, com o irmão mais velho, a cunhada, e a mãe, que, enlouquecida, passa os dias enclausurada nos seus aposentos. Este ambiente familiar, repleto de tensões e violências, será abalado pela chegada dos tios e de um célebre pintor, fugidos de Madrid, promessa de uma vida diferente, animada por novas sensações e sentimentos. Porém, a realidade vai-se desvelando em toda a sua brutalidade, plasmada no cenário selvagem da natureza envolvente, onde apenas o mar oferece a Marta um caminho para a liberdade.

*A Ilha e os Demónios*, publicado sete anos depois do fulgurante êxito de *Nada*, reafirma o talento narrativo de Carmen Laforet em transformar o biográfico em romanesco e em retratar com graça e vigor a personagem clássica da jovem rapariga que se descobre a si própria e o lugar que deseja ocupar no mundo.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-642-0



9 789895 636420